

A QUEBRA DO SIGILO NA OPERAÇÃO ANADYR: PRINCIPAIS FATORES QUE LEVARAM À DESCOBERTA DOS MÍSSEIS EM CUBA

THE BREAK OF SECRECY IN OPERATION ANADYR: MAIN ASPECTS THAT LEADED TO THE DISCOVERY OF MISSILES IN CUBA

Ian Maldonado Kühl¹
Tamiris de Castro Franco^{2*}
Leonardo Nunes Camargo^{3**}

RESUMO

O presente trabalho tem como proposta a identificação dos principais fatores que levaram os americanos a descobrirem sobre a presença de mísseis balísticos em Cuba em outubro de 1962. Para alcançar isso, a seguinte pesquisa abordou os níveis estratégicos, táticos e operacionais relativos às decisões com o foco no embate entre as medidas soviéticas para a manutenção do sigilo da Operação Anadyr e o emprego dos meios de coleta de dados disponíveis nas agências de inteligência ocidentais, com destaque para a Agência Central de Inteligência (CIA), na qual detinha os principais meios de coleta de informação utilizados na ocasião. Durante o estudo foram identificados e descritos os principais eventos transcorridos durante o ano de 1962 relativos ao acobertamento da implantação dos mísseis em Cuba e as investigações dos americanos sobre as atividades soviéticas no Caribe com base nos livros, relatos e artigos que abordam os fatos por trás dessa guerra de informação. A análise é direcionada para os pontos no qual o sigilo soviético apresenta falhas na manutenção de seu *status quo*, e é explorado pela inteligência americana na tentativa de descobrir o que se passava na ilha. Portanto, o trabalho se fundamentou na análise bibliográfica e documental de forma a apresentar o contexto histórico ao mesmo tempo que de maneira qualitativa, explora as decisões empregadas pelas lideranças americana e soviética em um cenário onde ambos testam suas capacidades. Assim, no final do trabalho, identificou-se os fatores de causa da descoberta dos mísseis em Cuba donde sugere-se a possibilidade de novas pesquisas ou debates para a colaboração com o aprimoramento da compreensão de como os meios disponíveis de coleta de informação e a mentalidade por trás das decisões impactam a doutrina do uso do sigilo em operações militares.

Palavras-chave: Guerra Fria; Espionagem; Sigilo; Crise dos Mísseis; Operação Anadyr.

¹ Cadete Intendente do 4º Esquadrão (Turma Orthrus, 2023).

^{2*} 2ª Ten QOCon Magistério Inglês Superior, graduada em Pedagogia, graduada em História, Pós graduada em Psicopedagogia Institucional, Alfabetização e Letramento, Gestão e Organização Escolar e Neuroaprendizagem.. E-mail: francotcf@fab.mil.br.

^{3**} 2ª Ten QOCon Magistério Filosofia Superior. Doutor em Filosofia. Academia da Força Aérea. E-mail: leonardolncl@fab.mil.br.

ABSTRACT

This work aims to identify the main factors that led the American's discovery of ballistic missiles in Cuba in October 1962. To accomplish this, the following research addressed the strategic, tactical and operational levels related to decisions with focus on the clash between the Soviet measures in keep the secrecy of Operation Anadyr and the use of data collection means available in Western intelligence agencies, with emphasis on the Central Intelligence Agency (CIA), in which it held the main means of data collection information used at the time. During the study, the main events that took place during the year 1962 related to the cover-up of the deployment of missiles in Cuba and the American investigations into Soviet activities in the Caribbean were identified and described based on books, reports and articles that address the facts behind this information war. The analysis is focused where Soviet secrecy fails to maintain its status quo, and is exploited by American intelligence in an attempt to discover what was going on on the island. Therefore, the work was based on bibliographical and documental analysis in order to present the historical context at the same time that, in a qualitative way, it explores the decisions taken by the American and Soviet leaderships in a scenario where both test their capabilities. Thus, at the end of the work, the factors that caused the discovery of the missiles in Cuba were identified, which suggests the possibility of new research or debates for collaboration with the improvement of the understanding of how the available means of collecting information and the mindset behind decisions impact the doctrine of the use of secrecy in military operations.

Keywords: Cold War; Espionage; Secrecy; Missile Crisis; Operation Anadyr.

INTRODUÇÃO

Durante a Guerra Fria, a Crise dos Mísseis de Cuba em 1962 marcou um dos momentos mais tensos e perigosos da confrontação entre os Estados Unidos (EUA) e a antiga União Soviética (URSS). A descoberta da presença de mísseis balísticos em solo cubano desencadeou uma escalada das provocações entre os blocos ocidental e oriental com consequências de proporções alarmantes na geopolítica mundial (MUNTON; WELCH, 2011).

A crise veio em decorrência direta da quebra do sigilo da chamada Operação Anadyr no momento em que os mísseis já encontravam-se na ilha. Essa operação foi responsável pela implantação do Grupo de Forças Soviéticas em Cuba (GSVK) para proteção do regime de Fidel Castro, cujo destaque e vetor operacional eram as tropas de mísseis balísticos (KHRUSHCHEV; KHRUSHCHEV, 2007). O historiador, Arthur M. Schlesinger Jr comenta no livro *“Treze Dias”* de Robert F. Kennedy (1999), que a descoberta dos mísseis deu início ao momento mais perigoso da história da humanidade dado o alto risco de um confronto nuclear.

No âmbito das operações militares, tal assunto torna-se relevante dado que o sigilo desempenha um papel fundamental na obtenção de vantagens estratégicas e na preservação da segurança nacional. A capacidade de ocultar informações sensíveis de operações em andamento é essencial para o sucesso de qualquer missão por evitar que adversários se antecipem e tomem medidas preventivas.

Dessa forma, com base no momento histórico em análise, torna-se relevante o seguinte questionamento: Quais foram os principais fatores que possibilitaram à inteligência americana identificar a presença de mísseis balísticos em Cuba? O presente artigo tem como proposta o estudo dos eventos do ano de 1962 que antecederam a Crise dos Mísseis sobre a ótica do embate entre o emprego do sigilo militar e o uso dos meios de inteligência por lados opostos do conflito, verificando a efetividade das táticas utilizadas pela URSS e EUA para a manutenção do sigilo ou descoberta da operação.

Com vistas a responder o questionamento, o estudo tem como objetivo identificar os principais fatores que levaram à descoberta dos mísseis balísticos em Cuba pela inteligência americana com base nos seguintes objetivos específicos: apresentar as motivações da decisão do líder soviético, explicar a necessidade e implantação do sigilo para a operação, analisar os fatores que levaram a quebra do sigilo, relatar a contribuição de serviços secretos ocidentais, apresentar as medidas do serviço de inteligência americano e analisar as consequências das violações do espaço aéreo cubano.

A realização deste trabalho possibilitou uma compreensão da forma como em um cenário de conflito as medidas de sigilo relacionam-se diretamente com as capacidades de inteligência do adversário e vice-versa. Esse entendimento permitiu abordar a relação entre esses dois fatores no sentido de melhorar a análise estratégica do emprego de medidas de sigilo e de inteligência com possíveis mudanças baseando-se em acontecimentos históricos, a fim de replicar os sucessos e evitar os fracassos em situações já vivenciadas tendo como alicerce as lições aprendidas do conflito analisado.

Dessa maneira, este estudo contribuiu de forma positiva ao trazer informações relevantes para as Forças Armadas, com destaque para os setores de emprego de dissimulação e aplicação de formas de inteligência no contexto do uso desses meios em possíveis conflitos futuros. Vale ressaltar que a pesquisa também possibilitará novas pesquisas capazes de gerar mudanças teóricas e práticas por meio da revisão de documentos doutrinários das áreas militares abordadas e da aplicabilidade de novos conceitos dado a necessidade de adaptação constante de uma moderna força de combate.

1 REFERENCIAL TEÓRICO

Compõem o referencial teórico deste estudo os principais autores especialistas na Operação Anadyr e Crise dos Mísseis, como meio de fornecer um bom embasamento para as análises e discussões.

Timothy Naftali e Aleksander Fursenko: autores de "*One Hell of a Gamble: Khrushchev, Castro, and Kennedy, 1958-1964*" (1997). A obra aborda a Crise dos Mísseis em Cuba, fornecendo insights sobre as ações e motivações dos líderes envolvidos com ênfase na perspectiva soviética dado o acesso de ambos a arquivos soviéticos sobre a crise.

Dino Brugioni: autor de "*Eyeball to Eyeball: The Inside Story of the Cuban Missile Crisis*" (1991). Sua obra é baseada em sua experiência como analista de fotografias durante o período da crise e oferece uma perspectiva única de dentro do serviço de inteligência americano sobre a descoberta dos mísseis em Cuba.

Raymond Garthoff: autor de "*US intelligence in the Cuban Missile Crisis*" (1998). Seu livro analisa os aspectos que conduziram as decisões das agências de inteligência americanas durante o ano de 1962 até a resolução da crise.

Norman Polmar: autor de "*Defcon-2 : Standing on the Brink of Nuclear War during the Cuban Missile Crisis*" (1996). O livro fornece informações sobre entrevistas com participantes-chave, para descrever o cenário internacional e os movimentos estratégicos dos Estados Unidos e da União Soviética sobre os desafios enfrentados por seus líderes na busca de uma solução pacífica. Em sua outra obra com Thomas Allen, "*Spy Book: The Encyclopedia of Espionage*" é apresentado os diversos meios de coleta de informação que estavam disponíveis aos americanos no ano de 1962.

Kenneth Absher: autor de "*Mind-sets and Missiles*" (2009). O livro explora uma análise com base na experiência do autor sobre a mentalidade dos participantes da crise com ênfase no serviço de inteligência da CIA e a influência no processo de análise de informações e tomada de decisões.

William Smith e Anatoli Gribkov: autores de "*Operation Anadyr: U.S. and Soviet Generals Recount the Cuban Missile Crisis*" (1994). O livro apresenta a perspectiva dos generais soviéticos envolvidos na Operação Anadyr, fornecendo informações sobre as ações e intenções da União Soviética durante a crise.

Mikhail Gavrilov e Valery Bubnov: Autores de "*Manchas Brancas da Crise dos Mísseis*" (2016). O livro apresenta inúmeros relatos de participantes diretamente envolvidos na Operação Anadyr das mais diversas patentes militares da URSS.

Bruce Allyn, James Blight e David Welch: autores de "*Essence of Revision*" (1990). O artigo explora o esclarecimento de diversas perguntas sobre os eventos envolvendo a URSS e os EUA em 1962 por meio da revisão da interpretação de diversos autores sobre os acontecimentos que levaram à crise.

Dos fatos analisados na busca por uma resposta ao problema proposto, apenas um conflito de informações entre os autores selecionados foi encontrado. O choque de informações trata-se sobre uma decisão do líder soviético, Nikita Khrushchev, sobre levar sistemas de mísseis de defesa antiaérea para Cuba. No livro "*One Hell of a Gamble*", os historiadores Timothy Naftali e Aleksander Fursenko explicam que a decisão sobre o envio de tropas de mísseis de defesa antiaérea, veio de Khrushchev após este ter reconhecido ser inevitável a descoberta das operações em Cuba pelos americanos. Segundo Fursenko e Naftali (1997), o líder soviético teria ordenado que a defesa contra as aeronaves de reconhecimento americanas se tornasse prioridade e para tal, mísseis antiaéreos deveriam ser enviados antes das demais tropas com o objetivo de derrubar os aviões de reconhecimento. Isso impediria os americanos de usarem o reconhecimento aéreo para detectarem os locais de instalação de mísseis balísticos.

Em contrapartida, no relato do general Anatoli Gribkov no livro "*Manchas Brancas da Crise dos Mísseis*" de Gavrilov e Bubnov (2016) é dito que os sistemas de mísseis haviam sido enviados para defender Cuba de um possível ataque americano, e que só tinham autorização de disparar em resposta a um caso explícito de agressão. No livro de memórias do líder soviético "*Memórias de Nikita Khrushchev*", este também relata uma visão divergente da apresentada por Naftali e Fursenko, dizendo que não enxergava sentido na implantação de sistemas antiaéreos como forma eficaz de combate ao reconhecimento aéreo.

2 METODOLOGIA

Para a confecção do artigo, utilizou-se predominantemente a consulta bibliográfica e documental (livros, manuais, revistas especializadas, jornais, artigos e internet) para esclarecimento dos eventos ocorridos e análise descritiva para especificar os equipamentos, táticas, doutrinas, pensamentos e métodos utilizados pelos agentes envolvidos a fim de

propiciar um olhar geral sobre os elementos centrais do contexto no qual o episódio abordado se insere. A escolha dos métodos de análise baseou-se no foco histórico da pesquisa, ao selecionar fontes primárias americanas e soviéticas para a composição do referencial teórico. Dentre as obras escolhidas optou-se pelos principais especialistas na Operação Anadyr e em temas como Crise dos Mísseis, Guerra Fria, política internacional, espionagem, além de autores com participação direta nos eventos abordados neste estudo.

O acesso às fontes foi realizado pela internet no uso das plataformas do *Google Books*, *Internet Archive Library*, *JFK Library*, *National Security Archive*, Taylor & Francis Online, biblioteca digital JSTOR e pela consulta de exemplares físicos de livros em diversas bibliotecas. Para as obras em idiomas que não o português, inglês ou francês, utilizou-se múltiplas ferramentas e serviços de tradução a fim de extrair a correta interpretação das informações apresentadas.

O cerne do desenvolvimento foi elaborado a partir da contextualização e contraponto da Operação Anadyr e seu progresso com os meios de coleta de informação empregados pelas agências de inteligência ocidentais com destaque para a CIA. Foram abordados em uma análise qualitativa, os principais choques entre as medidas de sigilo soviéticas e sua eficácia contra as ferramentas de espionagem dos americanos nos meses que antecederam a Crise dos Mísseis. Dessa forma, através do estudo dos eventos e da análise do resultado entre a guerra de informação entre URSS e EUA em 1962, o presente trabalho apontou as principais razões que levaram a quebra do sigilo da Operação Anadyr a fim de ressaltar fatos relevantes da operação do ponto de vista histórico e sob a ótica do emprego de táticas militares.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 A DECISÃO DE KHRUSHCHEV

Em suas memórias, o líder soviético, Nikita Khrushchev, explica que a ideia de implantar mísseis em Cuba surgiu durante uma viagem à Bulgária em maio de 1962. As principais razões que o haviam incentivado a tomar essa decisão, segundo ele próprio, foram a tentativa de invasão da Baía dos Porcos e o fato do regime de Castro ter sido o primeiro da América Latina a se declarar socialista. Para ele, um segundo ataque americano à ilha era

inevitável, e acreditava que os americanos não cometeriam os mesmos erros de sua primeira tentativa (KHRUSHCHEV; KHRUSHCHEV, 2007).

O líder soviético acreditava que acusações no âmbito das Nações Unidas em nada mudariam a vontade americana de invadir Cuba se assim eles desejassem. Seria apenas sob o perigo de retaliação militar considerável que os americanos iriam reconsiderar suas intenções. A defesa do regime de Castro significava uma defesa do “prestígio comunista” em âmbito internacional, pois o sucesso de Cuba serviria de modelo para outros países latino-americanos (KHRUSHCHEV; KHRUSHCHEV, 2007).

De acordo com Fursenko e Naftali (1997), a preocupação de Khrushchev em manter Cuba como um bastião do comunismo na América Latina incluía com qual linha ideológica o novo regime cubano seguiria. No contexto da ruptura Sino-soviética⁴ havia uma preocupação na possibilidade de Cuba seguir a linha maoísta do comunismo. Esse receio era reforçado devido a um dos líderes da revolução cubana, Che Guevara, ter sido ideologicamente mais próximo à interpretação do Marxismo-Leninismo de Mao Zedong (FURSENKO; NAFTALI, 1997).

Havia ainda uma motivação de paridade militar nessa decisão. A URSS não possuía meios de despachar seu poder nuclear contra os EUA devido ao alcance da maioria de seus armamentos. Para Khrushchev (2007), instalar mísseis balísticos em Cuba traria um “equilíbrio de poder” entre a URSS e os EUA, pois levaria a ameaça nuclear ao território americano da mesma forma que os mísseis PGM-19 Júpiter na Itália e Turquia ameaçavam território soviético (KHRUSHCHEV; KHRUSHCHEV, 2007).

3.2 O SIGILO DA OPERAÇÃO

A justificativa de Khrushchev (2007) em manter a operação em segredo era de que em caso de descoberta das atividades em Cuba pelos EUA, se os mísseis já estivessem na ilha os americanos não poderiam tomar medidas militares sem arriscar um conflito nuclear, algo que sabia que Kennedy não faria (FURSENKO; NAFTALI, 1997). Para o líder soviético, tornar a operação pública antes do planejado poderia precipitar os americanos a lançarem um ataque contra a ilha (ALLYN; BLIGHT; WELCH, 1990).

⁴ Divergência ideológica entre a União Soviética e a República Popular da China sobre a interpretação da doutrina marxista-leninista (LÚTHI, 2008).

Desde sua gênese, a operação idealizada por Khrushchev foi planejada para ser executada em sigilo. De maio a outubro de 1962, os soviéticos adotaram diversas medidas para tentar disfarçar suas ações. Dentro da doutrina soviética, a arte de enganar o adversário era conhecida como *Maskirovka*, e envolvia desde a dissimulação em nível estratégico até a camuflagem de tropas em nível operacional. O próprio nome da operação, “*Anadyr*”, foi criado para enganar tanto o pessoal interno quanto possíveis espiões ocidentais sobre o destino dos equipamentos. *Anadyr* é o nome de um rio que deságua no Mar de Bering. A operação foi projetada para sugerir aos escalões mais baixos de militares soviéticos e possíveis espiões que a ação era um exercício no extremo norte da URSS. O transporte dentro do território soviético de pessoal e material foi realizado por trilhos à noite sob guarda reforçada. As rotas e destinos finais foram mantidos em segredo. Correio e telegramas ao longo do caminho eram estritamente proibidos e para disfarçar o volume de movimentação militar, os embarques para Cuba foram realizados em oito portos (GRIBKOV; SMITH, 1994). De acordo com Karlov (2009), a operação tentou seguir o cronograma ferroviário já existente, além de preservar a frequência de movimentação de embarcações nos portos soviéticos.

Embora alguns países da OTAN tenham contribuído com a inteligência americana para o monitoramento das atividades soviéticas. Durante o estudo para a confecção deste trabalho, não foram encontrados nenhum documento ou relato de inteligência de países da aliança que indicassem suspeitas sobre a Operação Anadyr antes de setembro de 1962. Nenhum registro de medida impeditiva para a passagem das embarcações soviéticas pelos mares europeus foi encontrado.

Isso demonstra o sucesso das medidas soviéticas para a manutenção do sigilo contra a inteligência da OTAN no início da operação. Fora da Europa, na medida em que as tropas aproximavam-se de Cuba, a vigilância americana aumentava junto a dificuldade em manter as movimentações em segredo. A Operação Anadyr apresentou falhas que levaram à quebra de seu sigilo pelos americanos, porém, de acordo com James H. Hansen, a maior parte dessas falhas não ocorreram na União Soviética ou nos mares europeus, mas sim em Cuba (HANSEN; CIA, 2002).

3.3 FALTA DE CAMUFLAGEM CONTRA O RECONHECIMENTO AÉREO EM CUBA

A ideia de realizar a Operação Anadyr em segredo ganhou mais força depois do relatório da equipe de Sharof Rashidov e do Marechal Sergey Biryuzov sobre suas

negociações com Fidel Castro no final de maio de 1962. Rashidov acreditava que a transferência e instalação das forças soviéticas em Cuba poderia ser feita em segredo, pois segundo ele, os mísseis poderiam ser instalados de forma a serem confundidos com as palmeiras da paisagem cubana (GAVRILOV; BUBNOV, 2016).

No início de junho, em uma reunião com a presença de várias autoridades soviéticas, Khrushchev perguntou ao conselheiro militar de Fidel Castro, general Dementiev, se este achava viável camuflar as posições de mísseis em Cuba. O general respondeu que isso era impossível, e fundamentou sua resposta explicando que a paisagem cubana era composta por áreas de planícies e que não era possível ocultar os equipamentos nesse tipo de ambiente (GAVRILOV; BUBNOV, 2016). Sua posição não pareceu agradar ao Ministro da Defesa, Rodion Malinovsky que ao ouvir sua resposta deu-lhe um chute por debaixo da mesa (FURSENKO; NAFTALI, 1997). Segundo o general Gribkov, após uma inspeção detalhada das áreas de instalação de mísseis já com a operação em andamento, era muito difícil esconder todo o volume de equipamento soviético do reconhecimento aéreo inimigo, chegando inclusive, a declarar que as observações sobre as palmeiras no relatório da equipe de Rashidov só poderiam ter sido feitas por analfabetos militares completamente incompetentes (GAVRILOV; BUBNOV, 2016).

Segundo James H. Hansen, as posições de mísseis nunca poderiam ter permanecido ocultas por muito tempo (HANSEN; CIA, 2002). Estas foram construídas em áreas abertas, vulneráveis a observação aérea (BRUGIONI, 1991) e a pouca vegetação nos locais era esparsa e insuficiente para ocultar todo o equipamento soviético (GRIBKOV; SMITH, 1994).

3.4 COLETA DE INFORMAÇÕES DE AGÊNCIAS EUROPEIAS

A proximidade territorial da URSS com a OTAN sempre foi um incômodo para os soviéticos, mas que passou a desempenhar um papel ainda mais decisivo com o surgimento da ameaça nuclear (JERVIS, 1989). Devido à localização geográfica da URSS, a passagem dos navios pelas águas de países da aliança tornava-se algo inevitável. Nesse sentido destacava-se a Dinamarca com a vigilância sobre os estreitos entre o Mar Báltico e o Mar do Norte através de uma variedade de meios dos quais o principal eram suas aeronaves *RF-84F Thunderflash* (HANSEN, 2012). Quando as embarcações alcançavam o Mar do Caribe, a proximidade com o território americano passava então a ser o novo fator de risco ao sigilo das atividades soviéticas.

Com respeito ao serviço de espionagem, durante o ano de 1962, algumas nações da OTAN conduziram seus meios de inteligência para monitorar as atividades do bloco socialista em Cuba. Países como Alemanha Ocidental, França e Reino Unido chegaram a contribuir com algumas informações aos esforços da CIA para acompanhar as atividades soviéticas antes da crise vir à tona.

A contribuição dos serviços secretos da Alemanha Ocidental e da França vieram de forma bem parecidas através de fontes humanas (HUMINT⁵). Diplomatas, funcionários de embaixada e informantes cubanos estavam entre os observadores que esses países dispunham para acompanhar o que ocorria na ilha.

O serviço de inteligência exterior da Alemanha Ocidental possuía informantes em Cuba e Miami. Em setembro de 1962 os alemães comunicaram à CIA que um de seus espiões em Praga havia relatado que bases de lançamento de mísseis soviéticos na ilha estariam prontas até novembro daquele ano (HECHELHAMMER, 2012). De acordo com Henning (2017) o jornalista da ABC News, William Gil afirma que o embaixador alemão em Cuba, Karl Von Spreiti, também teria dado sua contribuição informando o senador republicano Kenneth Keating sobre a presença de mísseis balísticos na ilha.

O serviço de inteligência exterior da França atuou sobre a tutela de Philippe Thyraud De Vosjoli. Ao final de julho de 1962, relatos de funcionários da embaixada e demais informantes começaram a dizer sobre a chegada de navios soviéticos em Cuba sobre condições de sigilo. A partir de agosto os franceses receberam informes sobre diversos jovens soviéticos na ilha, comboios militares e até mesmo o avistamento de mísseis. Essas informações teriam sido repassadas ao Diretor da CIA, que por sua vez teria repassado ao Presidente Kennedy no final daquele mês (DE VOSJOLI, 1972). Sobre os mísseis, Vaïsse (1994) afirma que um coronel francês na embaixada em Washington também havia recebido de seus contatos na resistência contra o regime de Castro, informações sobre a presença de mísseis em Cuba.

Os relatos desses serviços secretos europeus chegaram concomitantemente a outros informes de refugiados cubanos e agentes da CIA infiltrados na ilha. Embora nenhuma confirmação sobre a presença de mísseis tenha sido apresentada, eles contribuíram para o conjunto de evidências da CIA e para o fluxo e coerência desses relatos que começaram a crescer a partir do mês de setembro (MCAULIFFE, CIA;1992). Contudo, devido a muitos informantes não revelarem suas fontes com o receio de comprometê-las, a agência sempre

⁵ HUMINT é a inteligência derivada de fontes humanas como informantes e espiões.

procurava a confirmação das informações através de outros meios de inteligência (ABSHER, 2009).

3.5 PRINCIPAL FONTE DE INFORMAÇÃO

A parceria entre os Estados Unidos e o Reino Unido estabeleceu-se como uma das relações bilaterais mais sólidas das relações internacionais desde o final da 2ª Guerra Mundial, e no campo da espionagem a atuação conjunta de agências era normal. No contexto de coleta de informação dos soviéticos, há muitas fontes na literatura que dizem sobre a participação do *British Secret Intelligence Service* (SIS) em cooperação com a CIA no recebimento de informações de inteligência no início dos anos 1960 através da figura de Oleg Penkovsky.

O Coronel Oleg Penkovsky foi um oficial do Departamento Central de Inteligência da União Soviética (GRU) que, desde a primavera de 1961 até o outono de 1962, serviu de informante para o SIS e para a CIA (SCOTT, 1999). De acordo com Horne (1989), biógrafo oficial do Primeiro-ministro britânico, Harold Macmillan, a espionagem de Oleg Penkovsky foi uma das duas importantes contribuições britânicas durante a crise⁶.

Penkovsky enviou, entre outros dados técnicos, informações sobre a recém criada Força de Mísseis da URSS, com destaque para o manual do SS-4⁷. Estas informações foram úteis para os analistas do *National Photographic Interpretation Center* (NPIC) na identificação dos tipos de mísseis presentes na ilha (MAY; ZELIKOW, 1997).

Ao identificar o tipo de míssil, os analistas de inteligência eram capazes de determinar o alcance e a ameaça que representava aos EUA. Segundo Helms (2003), era possível ainda saber o tempo necessário para os mísseis atingirem prontidão operacional. Esse fato foi considerado por algumas autoridades americanas como determinante não só das intenções soviéticas, mas de quando a liderança americana deveria tomar uma decisão (MAY; ZELIKOW, 1997).

No entanto, o último contato de Penkovsky com a inteligência ocidental ocorreu em 27 de agosto de 1962 em Moscou (SCHECTER; DERIABIN, 1992), o que impediu com que

⁶ Para Horne, a outra importante contribuição teria sido a sugestão do embaixador britânico, Sir David Ormsby-Gore, para a liderança americana estabelecer uma quarentena sobre Cuba.

⁷ SS-4 *Sandal* é a nomenclatura da OTAN para o míssil balístico de médio alcance R-12 *Dvina*.

mais informações de dentro da União Soviética pudessem ser compartilhadas. Assim o SIS e a CIA haviam perdido sua principal fonte de informação dentro do bloco socialista.

3.6 A COLETA DE INFORMAÇÃO PELOS AMERICANOS

3.6.1 A Vigilância dos oceanos

O maior desafio no transporte das tropas da Operação Anadyr estava na grande distância entre a URSS e Cuba na qual as embarcações ficariam vulneráveis aos meios de inteligência inimigos (FURSENKO; NAFTALI, 1997). As rotas inevitavelmente deixavam os cargueiros à mercê de barcos e aeronaves do ocidente.

Os navios soviéticos tinham que passar pelos estreitos e mares europeus sob vigilância constante dos países da OTAN e da presença americana naquele continente. Enquanto as embarcações transitavam pelos estreitos de Kattegat, Skagerrak, Gibraltar, ou pelo chamado *GIUK gap*⁸, as agências de inteligência ocidentais aproveitavam para analisar de perto a frota soviética. Os fatores geográficos forneceram grandes vantagens para a inteligência americana e seus aliados. A proximidade entre os EUA e Cuba facilitou a penetração de espões em território cubano além de permitir um patrulhamento constante do Mar do Caribe e um acompanhamento dos navios que chegam na ilha. Cada embarcação era detectada através de uma gama de meios, incluindo, o acústico, eletrônico (SIGINT⁹) e aéreo (IMINT¹⁰). Isso dava aos EUA e seus aliados, informações de espectros diferentes sobre cada navio (POLMAR, 2006).

De acordo com Polmar (2006), uma das primeiras fontes de informações para os americanos durante o início da Operação Anadyr veio da Agência de Segurança Nacional (NSA). Embora as medidas de sigilo da URSS exigiam que as embarcações a caminho de Cuba não mencionassem detalhes sobre suas cargas e horários em transmissões de rádio. Uma grande quantidade de informações ainda pode ser extraída pelos americanos a partir de suas posições diárias (transmitidas via rádio) e boletins meteorológicos locais (POLMAR, 2006).

⁸ É um conjunto formado pelas passagens marítimas entre Groenlândia e Islândia e entre Islândia e Reino Unido.

⁹ SIGINT é a inteligência derivada de sinais eletrônicos, como sistemas de comunicação, radares, sonares e sistemas de armas.

¹⁰ IMINT é a inteligência derivada de fotos obtidas normalmente através de aeronaves de reconhecimento e satélites.

Em 1962, os principais *choke points* da Europa estavam sendo monitorados por sensores acústicos (sonares), do *Sound Surveillance System*¹¹ (SOSUS) (POLMAR; ALLEN, 1996).

Quando as embarcações adentravam águas internacionais, novas ameaças ao sigilo apareciam nos céus através das aeronaves de patrulha marítima dos EUA e da OTAN. Carregando radares, câmeras e equipamentos eletrônicos de coleta de informações; as aeronaves de patrulha eram capazes de vasculhar grandes áreas do oceano. Elas traziam um fluxo contínuo de informações sobre o transporte soviético para Cuba, incluindo as primeiras fotos dos navios mercantes. Isso permitiu que analistas do Escritório de Inteligência Naval dos EUA em Suitland, Maryland, e outras agências de inteligência começassem a estudar as embarcações soviéticas e suas cargas. Alguns dos navios e aeronaves dos EUA quando se aproximavam de embarcações vindas da URSS para fotografá-las, também utilizavam dispositivos para medir possíveis emissões radioativas para determinar se havia armas nucleares a bordo. Nenhuma emissão confirmada foi detectada (POLMAR, 2006).

Brugioni (1991) afirma que todas as fotos de embarcações soviéticas rumando para Cuba eram enviadas para o NPIC. Os navios que passavam pelo Estreito de Bósforo e pelo Mar Mediterrâneo eram fotografados pela 6ª Frota americana e por esquadrões americanos presentes na Sicília e na Espanha. Durante a travessia do Atlântico, as imagens das embarcações eram capturadas principalmente por aeronaves da base aeronaval de Kindley no arquipélago de Bermuda e da base aeronaval de Jacksonville, na Flórida. Ao se aproximarem de Cuba, os navios eram fotografados pela Marinha americana presente na base de Guantánamo e por aviões da guarda costeira operando de Miami (BRUGIONI, 1991).

3.6.2 O papel da CIA

Para a CIA, as primeiras indicações de que a URSS tinha algum interesse incomum em Cuba vieram no final de julho, após 4 navios de passageiros vindos de território soviético chegarem ao porto de Mariel na parte ocidental da ilha tendo realizado suas viagens em condições incomuns de sigilo (MCAULIFFE; CIA, 1992). Desde o início daquele mês, a agência havia registrado a chegada de 4000 a 6000 soviéticos na ilha (MCAULIFFE; CIA, 1992). Durante esse período foram recebidos milhares de informes de refugiados que

¹¹ SOSUS foi um sistema americano de postos de sonares subaquáticos localizados em todo o mundo em lugares como o Oceano Atlântico, perto da Groenlândia, Islândia e Reino Unido (o *GIUK gap*) e em vários locais no Oceano Pacífico. Embora projetado principalmente para rastrear submarinos soviéticos, o sistema também tinha capacidade de rastrear navios de superfície (POLMAR, 2006).

indicavam um aumento substancial na atividade de importação nos portos cubanos de Mariel e Havana (USOWSKI, 1988). Muitos desses relatos eram exagerados, por isso os times de analistas solicitavam confirmações (por outros meios de inteligência) antes de tomar tais declarações como verdades (USOWSKI, 1988).

Desde o fracasso na invasão da Baía dos Porcos, Cuba havia se tornado uma prioridade no programa de reconhecimento aéreo americano. Os voos dos aviões U-2s ocorriam mensalmente sobre a ilha no que ficou conhecido como Projeto *NIMBUS*. Com o recebimento de diversos relatos sobre o aumento da atividade soviética em Cuba, a CIA através do COMOR¹² solicitou permissão para cobertura fotográfica adicional da ilha. O *Special Group*¹³ autorizou o aumento do número de sobrevoos para pelo menos dois por mês a partir de maio de 1962. Ao mesmo tempo, o NPIC iniciou a publicação de uma série de avaliações fotográficas de informação sobre Cuba (PEDLOW; WELZENBACH; CIA, 1998). No dia 16 de julho, o Secretário de Defesa, Robert McNamara, havia ordenado a NSA para aumentar a vigilância sobre a ilha (POLMAR, 2006).

De 10 a 23 de agosto de 1962, o Diretor da CIA, John McCone, expressou 4 vezes ao Presidente Kennedy sua opinião de que os soviéticos planejavam colocar mísseis ofensivos¹⁴ em Cuba. Em 10 de agosto, McCone participou de uma reunião com o Secretário de Estado Dean Rusk, o Secretário de Defesa Robert McNamara, o Consultor de Kennedy em assuntos militares General Maxwell D. Taylor, o Conselheiro de Segurança Nacional McGeorge Bundy e demais funcionários do governo americano. Na ocasião especulou que o fluxo de equipamento militar em Cuba poderia estar sendo usado como suporte para mísseis balísticos de médio alcance (ABSHER apud MCAULIFFE; CIA, 1992). Porém, para Rusk e McNamara a natureza das atividades em Cuba era puramente defensiva. Ambos acreditavam que seria estranho os soviéticos posicionarem esse tipo de equipamento fora de seu próprio território. Sem nenhuma prova concreta, McCone não conseguiu convencer Rusk e McNamara (USOWSKI, 1988).

¹² *Committee on Overhead Reconnaissance* (COMOR) ou Comitê de Reconhecimento Aéreo, foi o comitê responsável pela formalização e análise dos pedidos de voos dos U-2s. Era o canal que a CIA tinha para solicitar esse tipo de missão (PEDLOW; WELZENBACH; CIA, 1998, p. 188-190).

¹³ *Special Group* ou Grupo Especial, foi um comitê do Conselho de Segurança Nacional cujo uma das atribuições era a autorização dos voos de reconhecimento. Em 1962 era formado pelo Diretor da CIA (DCI) John McCone; pelo Vice-Secretário de Defesa Roswell Gilpatric; pelo Subsecretário de Estado George Ball e pelo conselheiro de Segurança Nacional dos Estados Unidos, McGeorge Bundy (PEDLOW; WELZENBACH; CIA, 1998).

¹⁴ Categoria que exclui mísseis de uso defensivo como os de sistemas antiaéreos.

Em 21 de agosto, os mesmos membros do encontro de 10 de agosto, atenderam a uma nova reunião. McCone dessa vez enfatizou que os soviéticos estavam instalando mísseis antiaéreos na ilha e novamente levantou a possibilidade de instalação de mísseis balísticos (MCAULIFFE; CIA, 1992).

Considerando as evidências que a inteligência americana possuía até então, o Diretor da CIA estava certo de que algo de incomum acontecia naquela ilha. Em 23 de agosto, McCone disse a Kennedy, McNamara, Rusk, Taylor, Bundy e a outros funcionários, que a única razão para introduzir defesas antiaéreas em Cuba seria para proteger mísseis balísticos do reconhecimento aéreo (MCAULIFFE; CIA, 1992).

Como consequência das especulações sobre o que acontecia na ilha, em 27 de agosto, a CIA designou dois times de analistas que ficariam responsáveis por verificar as informações recebidas sobre as atividades suspeitas na ilha. A Equipe 1 incorporou em seus arquivos avaliações de informações fotográficas recebidas de voos de reconhecimento de alta altitude e de vigilância oceânica de longo alcance por aeronaves de patrulha. Já a Equipe 2 ficou de posse de relatórios coletados de refugiados, exilados e outras fontes humanas (HUMINT) (KEITHLY, 2013). Esses relatórios formaram a base para o grupo de designação de alvos do COMOR, no mesmo dia, identificar quatro fazendas na área de Sagua La Grande como locais suspeitos para a instalação de mísseis¹⁵ (MCAULIFFE; CIA, 1992).

Com a ajuda da revisão das fotografias de reconhecimento da Marinha pela Equipe 1, a Equipe 2 foi capaz de confirmar o aumento acentuado no transporte marítimo para a ilha (KEITHLY, 2013). A crescente na frequência de chegada de navios soviéticos de “especial interesse” provou para a CIA que a URSS estava desenvolvendo alguma operação militar em Cuba. No início de agosto, navios de carga seca¹⁶ começaram a chegar em uma quantidade sem precedentes (MCAULIFFE; CIA, 1992). Um exame do padrão da navegação soviética para Cuba de janeiro a julho de 1962 indica que as chegadas de navios de carga sólida tiveram uma frequência mensal de 15 embarcações. No entanto, o número de navios do bloco socialista de carga e passageiros chegando por mês aproximadamente triplicou de julho a agosto, aumentando ainda mais em setembro. Em comparação, não houve variação significativa na frequência do transporte de petróleo, óleos e lubrificantes (CIA, 1964).

¹⁵ A principal suspeita é de que tratavam-se de mísseis antiaéreos, como já havia sido especulado por John McCone.

¹⁶ Navio cargueiro que não transporta mercadorias líquidas de necessidade de grandes galões como óleos, químicos e gás liquefeito de petróleo (GLP).

As condições no qual esses navios viajavam e chegavam a Cuba eram incomuns aos olhos da CIA. Além do notório aumento no número de viagens, as maiores e mais novas embarcações da marinha mercante soviética estavam envolvidas. A maioria das cargas de suporte para economia cubana, desde alimentos até peças de máquinas, estavam sendo transportadas em navios com bandeiras ocidentais. Sabia-se que navios soviéticos que carregavam armamento tinham o costume de fazer falsas declarações de seus destinos quando passavam pelo Bósforo (MCAULIFFE; CIA, 1992). Muitas embarcações de passageiros não tinham suas viagens tornadas públicas (MCAULIFFE; CIA, 1992). Todas as embarcações soviéticas analisadas de julho ao início de agosto tinham sua tripulação exclusivamente soviética (KEITHLY, 2013). Ademais, percebeu-se nos navios de carga, através da pouca profundidade de seus cascos na água, que estavam carregando menos do que suas capacidades de tonelagem permitiam. Segundo relatos de refugiados cubanos, o descarregamento desses navios era feito à noite pelo pessoal soviético que isolava as docas na qual as embarcações estavam atracadas (KEITHLY, 2013).

A análise do fluxo naval e o emprego de técnicas de análise de imagens colocava a CIA cada vez mais perto de descobrir o que acontecia em Cuba. Mas foi em 29 de agosto, com um voo de U-2 sobre a já suspeita província de Sagua La Grande que a agência obteve as primeiras imagens de mísseis antiaéreos (MCAULIFFE, 1992). Esse feito comprovou parcialmente as suspeitas de McCone, dado que este já havia sugerido que esse tipo de armamento estava presente na ilha. Os analistas da CIA estimaram que essas defesas poderiam estar prontas dentro de duas semanas. Essas informações foram apresentadas ao Presidente Kennedy em 31 de agosto, no qual não tomou nenhuma decisão de imediato (USOWSKI, 1988).

Dino Brugioni (1991) comenta em seu livro *“Eyeball to Eyeball: The Inside Story of the Cuban Missile Crisis”* sobre a oposição contínua de Dean Rusk e McGeorge Bundy aos voos de U-2 sobre Cuba. Ambos expressaram esse posicionamento após a derrubada de um U-2 taiwanês no leste da China em 8 de setembro por mísseis antiaéreos soviéticos. A partir daí, os voos sobre o interior da ilha foram suspensos, e os poucos que foram autorizados sofreram diversas restrições, o que acabou levando ao chamado *photo gap*¹⁷. Durante esse período, a CIA teve de conjecturar sobre o que acontecia em Cuba quase que exclusivamente com base em fontes humanas (HUMINT) e nas fotos que já possuíam.

¹⁷ De 5 de setembro a 14 de outubro de 1962 não houve voos nas porções ocidental e central de Cuba. Devido ao medo de Rusk e Bundy, as áreas onde haviam sido reportados mísseis antiaéreos eram evitadas.

Na busca para entender as intenções soviéticas, a CIA ainda tentou estabelecer contato com o coronel Penkovsky diversas vezes na segunda metade de 1962. De acordo com Schechter e Deriabin (1992), em setembro a agência estava ansiosa para saber se a URSS estava enviando mísseis para Cuba. A última mensagem da CIA para Penkovsky solicitava especificamente informações concretas sobre as medidas soviéticas sendo empreendidas para converter Cuba em uma base militar. Em particular, se a ilha viria a receber mísseis balísticos. Contudo, devido à última troca de informações entre a CIA e o coronel ter ocorrido em 27 de agosto daquele ano (ANDREW, 1995; SCHECTER; DERIABIN, 1992), a agência não conseguiu obter de Penkovsky nenhuma informação a respeito do posicionamento de mísseis em Cuba (GARTHOFF, 1998).

3.6.3 Retomada dos Voos de Reconhecimento

A CIA possuía uma confiança particular, nas imagens de fotografias coletadas pelos aviões U-2 (ABSHER, 2009). Para Absher (2009), a Crise dos Mísseis ilustrou bem a tendência geral dos analistas de inteligência em dar mais valor aos dados de origem técnica (SIGINT e IMINT) em comparação com aqueles de origem em fontes humanas (HUMINT). Em setembro a agência havia recebido diversos relatos sobre a presença de mísseis balísticos na ilha, mas não foram suficientes para trazer de volta os voos de reconhecimento.

Ao retornar de sua lua de mel no final daquele mês, John McCone ficou indignado pela pouca cobertura aérea realizada sobre Cuba durante sua ausência. O diretor da CIA pressionou o COMOR para conseguir autorizar o retorno dos voos de U-2 no interior da ilha. Essa permissão foi concedida em 9 de outubro após a consideração de diversos fatores (ABSHER, 2009).

Dentre as razões técnicas no qual era desejável retornar com os voos dessas aeronaves estava o fato de que nenhum outro meio de coleta de informação podia atender as necessidades dos americanos na época¹⁸. O cronograma de missões do satélite *CORONA* que havia sido aprovado para o restante do ano, embora fosse capaz de fornecer alguma informação de inteligência, não havia tempo nem resolução de imagem suficiente para atender

¹⁸ No final da década de 1950 e início dos anos de 1960, os EUA começaram a desenvolver projetos de tecnologia de reconhecimento como formas alternativas de coleta de informação para as aeronaves U-2. Dentre esses programas estava o do satélite *CORONA* (motivado após o lançamento do *Sputnik 1* pela URSS) e do projeto *FireFly* para o drone *Ryan Model 147 Lightning Bug*. Todos ganharam mais incentivo do governo americano após a derrubada do U-2 de Francis Gary Powers.

às necessidades do COMOR. A próxima missão não sairia até meados de novembro, cerca de 11 semanas desde a última boa cobertura de algumas áreas da ilha. Os recém criados drones de reconhecimento do projeto *FireFly* seriam úteis para cobrir objetivos específicos de escopo limitado. Mas a pequena cobertura de área os tornavam menos desejáveis do que o U-2. O reconhecimento tático usando aeronaves *McDonnell FR-101*¹⁹ e *Vought RF-8A (F8U-1P)*²⁰ seria viável. Mas isso deveria ser complementar a um programa U-2, não um substituto para ele. O reconhecimento tático podia fornecer fotografia detalhada para fins de inteligência técnica, mas não a ampla cobertura de área repetida necessária para cobrir os objetivos desejados (CIA, 1962).

Dado os diversos canais de coleta de informação, a inteligência americana desempenhou um papel fundamental para a liderança dos EUA acompanhar as atividades militares em Cuba. Desde o início da Operação Anadyr, a CIA e a NSA já começaram a suspeitar que a URSS tinha planos militares no Caribe. Os relatos de agentes e refugiados sobre mísseis na ilha, a perspicácia do Diretor da CIA e a falta de meios alternativos que fornecessem informações com o mesmo nível de detalhe, fizeram com que Washington retornasse com os voos de U-2 após um longo período sem o uso efetivo desse instrumento. Como consequência, quando o Maj. Richard S. Heyser completou sua missão em 14 de outubro de 1962, seriam as fotos desse voo analisadas com base em informações técnicas recebidas através do coronel Oleg Penkovsky, que confirmariam a presença de mísseis balísticos SS-4 em território cubano.

3.7 ESPAÇO AÉREO CUBANO

Segundo o vice-comandante do grupo de forças soviéticas em Cuba, Garbuz Leonid, o regime de Castro não detinha equipamentos capazes de detectar a presença dos U-2s no espaço aéreo cubano (como radares P-35 ou P-12). Esse fato fez com que os americanos acreditassem que poderiam realizar seus voos de reconhecimento sobre a ilha de maneira impune (GAVRILOV; BUBNOV, 2016).

No livro “*One Hell of a Gamble*”, os historiadores Timothy Naftali e Aleksander Fursenko (1997) explicam com base em uma obra chamada “*Na Krayu Propasti*” (uma

¹⁹ Variação do caça de penetração *McDonnell F-101 Voodoo*, operado pela Força Aérea americana e adaptado para o reconhecimento fotográfico.

²⁰ Variação do caça de superioridade aérea *Vought F-8 Crusader*, operado pela Marinha americana e adaptado para o reconhecimento fotográfico.

tradução do russo para “*A beira do precipício*”) que a decisão sobre o envio de tropas de mísseis de defesa antiaérea, veio de Khrushchev após este ter reconhecido ser inevitável a descoberta das operações em Cuba pelos americanos. Segundo essa obra, o líder soviético teria ordenado que a defesa contra os U-2s americanos se tornasse prioridade e para tal, mísseis antiaéreos deveriam ser enviados antes das demais tropas com o objetivo de derrubar os aviões de reconhecimento. Isso impediria os americanos de usarem o reconhecimento aéreo para detectarem os locais de instalação de mísseis balísticos (FURSENKO; NAFTALI, 1997). De acordo com o general Anatoly Gribkov, embora os mísseis estratégicos fossem o segmento com o maior tempo de preparo para atingir a prontidão operacional, estes ficariam vulneráveis durante o período de instalação, e portanto, havia uma necessidade de um envio prévio de tropas capazes de fornecer defesa aérea e terrestre. Dessa maneira, os soviéticos enviaram unidades de defesa antiaérea de mísseis terra-ar V-75 e de infantaria motorizada antes dos mísseis balísticos e demais unidades (GAVRILOV; BUBNOV, 2016)

Contudo, a história mostra que desde as instalações dos primeiros sistemas antiaéreos no início de agosto até a descoberta dos mísseis balísticos pelos americanos com o voo de 14 de outubro, nenhuma aeronave dos EUA foi impedida de adentrar o espaço aéreo sobre a ilha. Mesmo com o *photo gap*²¹ de imagens sobre Cuba; quando a inteligência americana decidiu retornar com os voos em outubro, de nada serviram os sistemas V-75 para impedir novas violações do espaço aéreo cubano.

Segundo Karlov (2009), a liderança soviética não havia permitido que as defesas antiaéreas fossem usadas contra o reconhecimento americano. Os historiadores Bubnov e Gravilov (2016) contam em seu livro, “*Manchas Brancas da Crise dos Mísseis*”, que Moscou havia dado uma ordem de somente abrir fogo em caso de um ataque explícito. As duas divisões de defesa antiaérea tinham como principal missão proteger o espaço aéreo cubano de aeronaves com a intenção declarada de atacar: as posições soviéticas, as Forças Armadas cubanas, bases navais, portos, aeródromos, centros políticos, administrativos e industriais de Cuba. De acordo com Garbuz Leonid, os soviéticos não queriam provocar os americanos, e por isso não queriam que houvesse baixas (GAVRILOV; BUBNOV, 2016). Para o então coronel Yazov (2015), não havia justificativa para não fazer uso das defesas soviéticas contra os U-2, e essa postura de passividade tratou-se de um erro militar soviético (YAZOV, 2015).

²¹ Mesmo não tendo efetuado nenhum disparo até 27 de outubro, os sistemas V-75 preveniram parcialmente os voos dos U-2s sobre Cuba. A descoberta das defesas antiaéreas, a derrubada de um avião U-2 sobre território chinês e o medo de Rusk e Bundy em ter um U-2 atingido, permitiram o *photo gap*, em que por mais de um mês não houvesse voos de reconhecimento em muitas partes da ilha (ABSHER, 2009).

Dado todas essas informações, a interpretação mais natural das decisões soviéticas é de que a implantação dos mísseis antiaéreos em Cuba não pretendia impedir os voos de reconhecimento dos U-2s como pensou John McCone, mas sim providenciar uma defesa generalizada da ilha em caso de agressão. Como consequência, essa negligência proposital em impedir a violação do espaço aéreo cubano permitiu aos americanos fotografar as posições das tropas soviéticas e assim obterem a prova definitiva da presença de mísseis balísticos na ilha.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando tudo que foi exposto, pode-se afirmar que mesmo com os soviéticos em Cuba tendo a disposição o mais moderno sistema de defesa antiaérea da época e o único equipamento do bloco socialista comprovadamente capaz de derrubar um U-2; as tropas de defesa antiaérea não tinham permissão para abater as aeronaves invasoras. Esse fato inevitavelmente permitiu a continuidade da violação do espaço aéreo cubano e como consequência, cada vez mais informações eram coletadas nas missões de reconhecimento pelos americanos. A presença dos mísseis V-75, embora tenha feito Washington cessar os voos nas regiões ocidental e central de Cuba durante mais de um mês, não foi o suficiente para prevenir de maneira definitiva os voos sobre a ilha. Dessa forma, quando a Casa Branca decidiu voltar com as missões em outubro com foco em regiões de falta de coleta de inteligência e baseada em relatos de informantes locais; a passividade das defesas aéreas soviéticas permitiu com que as posições dos mísseis na ilha fossem fotografadas.

A capacidade dessas imagens em confirmar a presença dos MRBM ocorreu devido à ausência de uma camuflagem e adaptação adequadas das tropas e locais de instalação em meio à paisagem cubana. O erro de julgamento da equipe de Rashidov e a crença da liderança soviética na possibilidade de manter a operação em segredo levaram as forças de mísseis a se posicionarem em áreas vulneráveis aos voos de reconhecimento aéreo.

Além das decisões soviéticas, os diversos meios de inteligência dos americanos foram essenciais para garantir a disponibilidade e confiabilidade das informações recebidas. Através de informantes como Penkovsky, espiões em Cuba [HUMINT], sinais de radares [SIGINT], imagens de reconhecimento [IMINT] e serviços de inteligência de aliados, foi possível ter uma base de informações que permitisse mapear e levantar suspeitas das atividades soviéticas mesmo com as diversas medidas de sigilo. A participação das aeronaves espiãs U-2

fornecendo fotografias de Cuba e a capacidade dos analistas do NPIC em identificar equipamentos soviéticos nessas imagens foi o que confirmou a presença dos mísseis balísticos na ilha.

Diante do exposto, constata-se que os principais fatores que possibilitaram à inteligência americana identificar a presença de mísseis balísticos em Cuba foram a falta de emprego das defesas aéreas soviéticas em Cuba, a falta de uma camuflagem adequada para as posições de mísseis na ilha e a disponibilidade de diversos canais de inteligência pelos americanos, com destaque para o avião espião U-2, que forneceu as imagens como prova definitiva.

Tendo em vista a quebra do sigilo como consequência de uma mentalidade equivocada sobre o emprego da doutrina militar por um agente e das competências dos meios de inteligência de outro agente. Sugere-se, portanto, uma abordagem mais aprofundada sobre o impacto de ambos esses fatores para a evolução das doutrinas militares de sigilo empregadas nos conflitos que se seguiram após a Crise dos Mísseis.

REFERÊNCIAS

ABSHER, Kenneth. **Mindsets and Missiles: A Firsthand Account of the Cuban Missile Crisis**. 1. ed. [S. l.]: Strategic Studies Institute, U.S. Army War College, 2009. 110 p. v. 1. ISBN 1584874007.

ALLYN, Bruce; BLIGHT, James; WELCH, David. Essence of Revision: Moscow, Havana, and the Cuban Missile Crisis. **International Security**, [s. l.], v. 14, n. 3, p. 136–172, 1990. DOI <https://doi.org/10.1162/isec.14.3.136>. Disponível em: <https://direct.mit.edu/isec/article-abstract/14/3/136/11315/Essence-of-Revision-Moscow-Havana-and-the-Cuban?redirectedFrom=fulltext>. Acesso em: 24 jun. 2023.

ANDREW, Christopher. **For the President's Eyes Only: Secret Intelligence and the American Presidency from Washington to Bush**. 1. ed. Nova York: Harpercollins, 1995. 672 p. v. 1. ISBN 0060170379.

BRUGIONI, Dino. **Eyeball to Eyeball: The Inside Story of the Cuban Missile Crisis**. 1. ed. Nova York: Random House, 1991. 622 p. v. 1. ISBN 0679748784.

CENTRAL INTELLIGENCE AGENCY (Estados Unidos). CIA. Analysis of the Soviet Navy. **CUBA 1962: KHRUSHCHEV'S MISCALCULATED RISK**. 1. ed. [S. l.: s. n.], 1964. 158 p. Disponível em: https://www.cia.gov/readingroom/docs/DOC_0001385902.pdf. Acesso em: 26 jun. 2023.

CENTRAL INTELLIGENCE AGENCY (Estados Unidos). CIA. FOREIGN INTELLIGENCE ADVISORY BOARD (FIAB) VOLUME III: ANNEXES TO THE REPORT TO THE PRESIDENT'S FOREIGN INTELLIGENCE ADVISORY BOARD ON INTELLIGENCE COMMUNITY ACTIVITIES RELATING TO THE CUBAN ARMS BUILD-UP, 1962: 14 APRIL-14 OCTOBER. In: **JFKLIBRARY**. [S. l.], 1962. v. 2. Disponível em: <https://www.jfklibrary.org/asset-viewer/archives/JFKNSF/472/JFKNSF-472-006>. Acesso em: 23 jul. 2023.

DE VOSJOLI, Philippe. **Lamia: l'anti-barbouze**. 1. ed. Montreal: Éditions de l'Homme, 1972. 463 p. v. 1. ISBN 0775903337.

FURSENKO, Alexander; NAFTALI, Timothy. **One Hell of a Gamble: Khrushchev, Castro, and Kennedy, 1958-1964**. 1. ed. Nova York: W. W. Norton & Company, 1997. 420 p. v. 1. ISBN 0393317900.

GARTHOFF, Raymond. US intelligence in the Cuban missile crisis. **Intelligence and National Security**, [s. l.], v. 13, n. 3, p. 18 - 63, 1998. DOI <https://doi.org/10.1080/02684529808432493>. Disponível em: www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/02684529808432493. Acesso em: 25 jun. 2023.

GAVRILOV, Mikhail; BUBNOV, Valery. **Manchas Brancas da Crise do Caribe 1961-1964**. 1. ed. São Petersburgo: Galea Print, 2016. 483 p. v. 1. ISBN 9785817201499.

GRIBKOV, Anatoli; SMITH, William. **Operation Anadyr**: U.S. and Soviet Generals Recount the Cuban Missile Crisis. 1. ed. Chicago: Edition Q, 1994. 253 p. v. 1. ISBN 0867152664.

HANSEN, James; CENTRAL INTELLIGENCE AGENCY (Estados Unidos). CENTRAL INTELLIGENCE AGENCY. Soviet Deception in the Cuban Missile Crisis. **Studies in Intelligence**, [S. l.], v. 46, n. 1, p. 1-11, 1 jan. 2002. Disponível em: <https://www.cia.gov/static/205b8c27be0286b9a0d19fbf90d2382a/Soviet-Deception-Cuban-Missile.pdf>. Acesso em: 26 jun. 2023.

HANSEN, Peer. The Cuba Crisis of 1962: As Seen through Danish Intelligence Sources. **CWIHP BULLETIN**, [S. l.], v. 1, n. 17/18, p. 708-710, outono 2012. Disponível em: https://web.archive.org/web/20220128083431/https://www.wilsoncenter.org/sites/default/files/media/documents/publication/CWHIP_Bulletin_17-18_Cuban_Missile_Crisis_v2_COMPLETE.pdf. Acesso em: 28 jan. 2022.

HECHELHAMMER, Bodo *et al.* Der Bundesnachrichtendienst und die Kuba-Krise. *In*: BUNDESNACHRICHTENDIENST. Bundesnachrichtendienst (org.). **Mitteilung der Forschungs- und Arbeitsgruppe "Geschichte des BND" (MFGBND)**: Im Auftrag des Bundesnachrichtendienstes herausgegeben von Bodo Hechelhammer. [S. l.]: Bundesnachrichtendienst, 12 out. 2012. Disponível em: <https://multimedia.gsb.bund.de/BND/Importer-Downloads/mfg3bnd.pdf>, https://web.archive.org/web/20161223061440/http://www.bnd.bund.de:80/DE/Organisation/Geschichtsaufarbeitung/MFGBND_Uebersicht/MFGBND_Mitteilungen/Mitteilung_3_node.html. Acesso em: 27 maio 2023.

HELMS, Richard; HOOD, William. **A Look Over My Shoulder**: A Life in the Central Intelligence Agency. 1. ed. [S. l.]: Random House, 2003. 496 p. v. 1. ISBN 037550012X.

HENNING, Heiko. Senator Keating's Source: How West German intelligence discovered Soviet missiles in Cuba.. *In*: **Senator Keating's Source**: How West German intelligence discovered Soviet missiles in Cuba.. [S. l.]: Wilson Center, 21 fev. 2017. Disponível em: <https://www.wilsoncenter.org/blog-post/senator-keatings-source>. Acesso em: 27 maio 2023.

HORNE, Alistair. **Macmillan 1957 - 1986**: Volume II of the Official Biography. 1. ed. Londres: Macmillan, 1989. 741 p. v. 2. ISBN 0333496213.

JERVIS, Robert. **The Meaning of the Nuclear Revolution**: Statecraft and the Prospect of Armageddon. 2. ed. [S. l.]: Cornell University Press, 1989. 272 p. v. 1. ISBN 0801495652.

KARLOV, Sergey. **Operação "Anadyr"**: Entrega e prontidão de mísseis estratégicos para a ilha de Cuba em 1962. 1. ed. Moscou: Academia Militar das Forças de Mísseis Estratégicos, 2009. Disponível em: https://rvsn.ruzhany.info/0_2017/karlov_anadyr_000.html. Acesso em: 26 jun. 2023.

KEITHLY, David. Planes, Plans, Plots: How They Found the Missiles. **Journal of Strategic Security**, [s. l.], v. 6, n. 3, p. 172-186, Outono 2013.

KENNEDY, Robert. **Thirteen Days: A Memoir of the Cuban Missile Crisis**. 4. ed. Nova York: W.W. Norton & Company, 1999. v. 1. ISBN 0393318346.

KHRUSHCHEV, Nikita; KHRUSHCHEV, Sergei. **Memoirs of Nikita Khrushchev: Statesman, 1953–1964**. 1. ed. [S. l.]: Penn State University Press, 2007. 1126 p. v. 3. ISBN 0271029358.

LÜTHI, Lorenz. **The Sino-Soviet Split: Cold War in the Communist World**. 1. ed. [S. l.]: Princeton University Press, 2008. 400 p. v. 1. ISBN 0691129347.

MAY, Ernst; ZELIKOW, Philip. **The Kennedy Tapes: Inside the White House during the Cuban Missile Crisis**. 1. ed. [S. l.]: Belknap Press, 1997. v. 1. ISBN 0674179269.

MCAULIFFE, Mary; CENTRAL INTELLIGENCE AGENCY (Estados Unidos). United States Central Intelligence Agency History Staff. **CIA Documents on the Cuban Missile Crisis**. 1. ed. [S. l.]: Diane Pub Co, 1992. 376 p. v. 1. ISBN 1931641668.

MUNTON, Don; WELCH, David. **The Cuban Missile Crisis: A Concise History**. 2. ed. [S. l.]: Oxford University Press, 2011. 144 p. ISBN 0199795703.

PEDLOW, Gregory; WELZENBACH, Donald; CIA (Estados Unidos). Central Intelligence Agency. **The CIA and the U-2 Program, 1954 - 1974**. 1. ed. [S. l.]: History Staff Center for the Study of intelligence, 1998. 272 p. v. 1. Disponível em: <https://irp.fas.org/program/collect/u2.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2023.

POLMAR, Norman; ALLEN, Thomas. **Spy Book: The Encyclopedia of Espionage**. 1. ed. [S. l.]: Random House Reference, 1996. 672 p. v. 1. ISBN 0375702490.

POLMAR, Norman. **Defcon-2: Standing on the Brink of Nuclear War During the Cuban Missile Crisis**. 1. ed. Hoboken: Wiley, 2006. 412 p. v. 1. ISBN 9780471670223.

SCHECTER, Jerrold; DERIABIN, Peter. **The Spy Who Saved the World: How a Soviet Colonel Changed the Course of the Cold War**. 1. ed. [S. l.]: Scribner, 1992. 352 p. v. 1. ISBN 0684190680.

SCOTT, Len. Espionage and the cold war: Oleg Penkovsky and the Cuban missile crisis. **Intelligence and National Security**, [S. l.], v. 14, 1 set. 1999. 3, p. 23-47. DOI <https://doi.org/10.1080/02684529908432551>. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/02684529908432551>. Acesso em: 25 jun. 2023

USOWSKI, Peter. John McCone and the Cuban missile crisis: A persistent approach to the intelligence-policy relationship. **International Journal of Intelligence and CounterIntelligence**, [s. l.], v. 2, n. 4, p. 547-576, 1988. DOI <https://doi.org/10.1080/08850608808435081>. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/08850608808435081?journalCode=ujic20>. Acesso em: 24 jun. 2023.

VAÏSSE, Maurice. La France et la Crise de Cuba. **Histoire, Économie et Société**, [s. l.], v. 13°, ed. 1, p. 185-195, 1994.

YAZOV, Dmitry. **Crise Caribenha**: 50 anos depois. 1. ed. Moscou: [s. n.], 2015. 542 p. v. 1. ISBN 9785227051301.